



# Parceiros das Missões

Brasília - Agosto 2013 -ano II -N° 16

## Partilha e intercâmbio foram as marcas do encontro da Juventude Missionária de 20 países, durante a JMJ



Missa de encerramento da jornada missionária



Jovens conheceram a realidade de Niterói

## Ir. Josenilde: o segredo dos 41 anos de entrega total em Moçambique

(pág.8 e 9)



## Missionários do Verbo Divino comemoram 25 anos de ação em Cuba

(pág.5)



Procissão na praia de Moa, no sul de Cuba

## Prá início de conversa

Durante os próximos anos, ainda sorveremos os ensinamentos do Papa Francisco em sua estada no Brasil, durante a JMJ. Referindo-se ao trabalho missionário de toda a Igreja, explicou que “evangelizar significa testemunhar pessoalmente o amor de Deus, significa superar os nossos egoísmos, significa servir, inclinando-nos para lavar os pés dos nossos irmãos, tal como fez Jesus. Levar o Evangelho é levar a força de Deus para construir um mundo novo”. Já em relação à juventude, afirmou que “os jovens são a janela para o mundo”, a esperança da Igreja. Por isso, convocou-os “a evangelizar sem medo de serem generosos com Cristo e de testemunhar o seu Evangelho”.

Com a certeza de que “eu estou com vocês todos os dias” (Mt 28,20), seguiremos adiante, sem medo.

O editor

## Papa Francisco aos jovens: “Ide sem medo para servir”

A Jornada Mundial da Juventude deixou marcas indelévels nos corações dos jovens brasileiros e do exterior. “Os jovens são a janela do mundo”- disse o papa Francisco. Nas suas treze mensagens, o papa fez várias alusões aos missionários que trabalham em missão.

O Papa centrou uma de suas homilias no ‘discípulo e na missão’, refletindo sobre três pontos: ‘Ide’, ‘sem medo’ e ‘para servir’. Sobre o primeiro ponto, ‘ide’, Francisco disse que “a experiência deste encontro não pode ficar trancafiada na vida de vocês ou no pequeno grupo da paróquia, do movimento, da comunidade de vocês. Seria como cortar o oxigênio de uma chama que arde”. “A fé - disse o Papa - é uma chama que se faz tanto mais viva quanto mais é partilhada, transmitida, para que todos possam conhecer, amar e professar Jesus”.

O Papa ressaltou: “partilhar a experiência da fé, testemunhar a fé, anunciar o Evangelho é o mandato que o Senhor confia a toda a Igreja, também a você. É uma ordem sim; mas não nasce da vontade de domínio ou de poder, nasce da força do amor, do fato que Jesus foi quem veio primeiro para junto de nós e nos deu não somente um pouco de Si, mas se deu por inteiro”.

“O Evangelho é para todos, não apenas para alguns”, disse Francisco, pois seu anúncio não tem fronteiras nem limites. “Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes” - exortou.

### Juventude Missionária em Niterói

Jovens peregrinos da Juventude Missionária (JM) provenientes de cerca de 20 países que participaram da JMJ se reuniram, na cidade de Niterói (RJ), para um encontro de intercâmbio e de partilha.

“Este momento nosso aqui é muito importante. Estamos contentes por este momento de convívio, confraternização e aproximação onde podemos partilhar nosso carisma e espírito missionário como jovens”, afirmou padre Camilo Pauletti, diretor das POM no Brasil ao abrir as atividades na Sede. “Que Deus abençoe todos esses dias e nos ajude a continuar animados e acreditando que as obras missionárias são importantes para a vida da Igreja. O Papa disse que nós, os diretores e suas equipes nas POM, somos os seus queridos por que somos, no mundo, sal, fermento e fervor levando Boa Notícia



**Papa: evangelizar sem medo**

de Jesus Cristo”, destacou padre Camilo.

Padre Marcelo Gualberto Monteiro, secretário nacional da Pontifícia Obra da Propagação da Fé (POPF), dirigiu palavras de acolhida e agradecimentos. “Desde a JMJ de Madri começamos a programar este momento juntos, como jovens ligados às POM”, explicou padre Marcelo. “Hoje estamos realizando este sonho graças ao trabalho de muitas pessoas. Queremos fazer desta oportunidade um momento de intercâmbio sobre a realidade dos trabalhos das POM nos nossos países”.

Participaram também os diretores das POM dos Estados Unidos, Uruguai, Porto Rico, Antilhas e representante das POM da Espanha. Além do Encontro Internacional da JM, a Sede Missionária das POM organizou a Exposição “Maria Mãe de todos os Povos” que reuniu 80 imagens de diversos países.

Dom Sérgio Braschi, presidente da Comissão para a Ação Missionária da CNBB marcou presença e deixou sua mensagem aos jovens. “No Ano da Fé temos que transmitir a fé para outros jovens. A fé é um dom que o Senhor nos deu gratuitamente e não podemos deixar de transmiti-la ao mundo que está carente do amor de Deus”, afirmou dom Sérgio.

Padre André Luiz de Negreiros, secretário nacional da IAM no Brasil recordou os 170 anos da fundação da IAM. “No Brasil estamos celebrando o Ano da IAM que concluirá com o 1º Congresso Americano da IAM marcado para o mês de maio de 2014 em Aparecida (SP)”, explicou.



## Catequese em 300 lugares

Na programação da JMJ Rio 2013 aconteceu a catequese em mais de 300 lugares. Os jovens da Juventude Missionária (JM) participaram da catequese em português no colégio Estadual Aurelino Leal em Niterói.

A pregação esteve a cargo de dom Virgílio do Nascimento Antunes, bispo de Coimbra - Portugal, que refletiu sobre o tema “Sede de esperança, sede de Deus”. Para os jovens de vários países de língua portuguesa, dom Virgílio lembrou ainda que, “falamos o mesmo idioma, mas falamos acima de tudo, a mesma linguagem da fé que é universal. O que nos une é Deus, é Jesus Cristo, o amor pelo ser humano, o trabalho e o serviço, a esperança que vivemos. Isso é muito mais forte do que qualquer língua que se possa falar ou da nacionalidade que nos une. A fé cristã é essa força de Deus que une todos os seres humano com o mesmo amor”, Suzénica Helena, 18 anos, membro da JM em Natal, Rio Grande do Norte esteve entre os peregrinos na catequese e comentou: “O mundo tem sede de Deus e nós enquanto juventude e ‘janela do futuro’, con-



Participaram jovens de 20 países na Semana

forme disse o Papa Francisco estamos encarregados de intermediarmos essa busca por Deus. Devemos ser exemplo de amor ao próximo, respeito, fé e caridade. Em suma, devemos ser missionários, exemplo de Deus amenizando assim a sede que o mundo tem de Deus para a construção da civilização do amor”.

## Jovens conhecem realidade do povo de de São Gonçalo- RJ



### Visita às obras sociais de São Gonçalo- RJ

A terceira etapa da Semana Missionária se concentrou na ação solidária em que os jovens peregrinos tomaram conhecimento das pastorais e obras sociais nas paróquias.

A celebração presidida pelo padre André Small, diretor das POM nos Estados Unidos e concelebrada por diversos padres das POM, reuniu os 100 jovens da JM vindos do Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Estados Unidos, Porto Rico, Costa Rica, Equador, Guatemala, Nicarágua, Antilhas, Venezuela, Peru, México, Espanha e Angola.

“A missão nos desinstala, precisamos nos adaptar ao novo como estamos vendo nestes dias ao partilharmos os espaços na convivência com os outros. Podemos nos incomodar com algumas coisas, mas aprendemos a partilhar. Isso é missão”, destacou padre André.

## Missa de encerramento

Pelo menos 10 mil fiéis entre adultos e jovens estrangeiros e brasileiros, se reuniram no Recanto do Senhor, espaço de encontro na cidade de São Gonçalo (RJ), para uma celebração que encerrou a Semana Missionária, em duas foranias da Arquidiocese de Niterói.

A missa foi presidida por dom José Francisco, arcebispo de Niterói. “Somos de diferentes países, culturas e línguas, mas partilhamos a mesma fé e amor por Jesus. Todos nos alimentamos no encontro pessoal com Jesus Cristo através de sua palavra e do Pão vivo na Eucaristia”, disse dom José Francisco Rezende Dias



Na missa de encerramento, 10 mil pessoas estiveram presentes

## Rede Salesiana de educação enviou professores em missão no Haiti

Durante o mês de julho, professores de Educação Física da Rede Salesiana de Escolas realizaram uma ação missionária e educacional junto à crianças e adolescentes carentes no Haiti, um dos países mais pobres da América e que ainda sofre as consequências do violento terremoto que afetou a região em 2010. Os educadores participaram do projeto “Professores Sem Fronteiras”, para compartilhar as práticas esportivas e educacionais do Brasil com os alunos das escolas e obras sociais salesianas daquele país.



O objetivo foi de contribuir, por meio do esporte e com a alegria que é característica da ação salesiana, no atendimento a crianças e adolescentes haitianos com idades entre 5 a 18 anos. “Este projeto, mais que uma ação social solidária, é uma doação de vida. Há um entusiasmo, um desejo de bem, uma força motivadora que contagia não só os professores diretamente envolvidos, mas a todos os que estão acompanhando e de alguma forma ajudando na sua realização”, afirma a coordenadora do projeto, irmã salesiana, Adair Sberga, diretora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Ribeirão Preto-SP.

### Organização do projeto

Ao longo do mês de julho, os alunos das escolas e obras sociais salesianas do Haiti participaram de atividades lúdicas como gincanas, jogos pré-desportivos e oficinas. O futebol e o voleibol, esportes que são referência no Brasil, também foram ensinados para as crianças e os adolescentes.

O cronograma e a escolha das modalidades esportivas foram elaborados com a colaboração dos próprios professores de Educação Física envolvidos no projeto e da irmã Valéria Timóteo, Filha de Maria Auxiliadora brasileira que está no Haiti há mais de dois anos. A compra de todo o material necessário foi possível graças à colaboração de várias esco-



A equipe que foi ao Haiti

las da RSE de São Paulo, que realizaram gincanas e campanhas de arrecadação de fundos, em um empenho coletivo para viabilizar o projeto.

### Três anos após o terremoto

Três anos depois do terrível terremoto que sacudiu o Haiti no dia 12 de janeiro de 2010 e que cobrou a vida de mais de 200 mil pessoas, ainda há muito que fazer neste país, um dos mais pobres do mundo.

Porto Príncipe foi uma das zonas mais afetadas pelo terremoto no qual também faleceu o então Arcebispo Serge Miot. Entretanto, milhares de pessoas foram à capital em busca de ajuda e de uma oportunidade para sobreviver.

Conforme informa o Escritório dos Salesianos em Madrid, perto de 600 mil pessoas se encontram ainda nos campos de deslocados por ter ficado sem casa e menos de 25 por cento dos escombros foram removidos, conforme o informe do PNUD. Além disso, o cólera matou mais de 7 mil pessoas em 2011. O economista haitiano Camille Chalmers recordou que antes do terremoto mais de 80 por cento da população vivia na pobreza e 50 por cento não sabia ler nem escrever: “Haiti não é um país destruído pelo terremoto de janeiro de 2010, é um país espoliado desde muito antes”, indicou.

Por sua parte, os missionários salesianos que trabalham no país disseram que “Haiti é um país forte e o terremoto nos dá a oportunidade de construir um país melhor”.

Mais de 23 mil crianças e jovens e mais de 1.200 professores já voltaram para as salas de aula nos centros educativos salesianos de Haiti.

“Nas missões salesianas seguimos trabalhando para conseguir que o Haiti se recupere, cure suas feridas e melhore sua qualidade de vida (...) Desenvolvemos programas de educação e formação que abram as portas de um futuro melhor e esperançoso”, assinalaram.



## Cuba: missionários verbitas completam 25 anos de evangelização

Os missionários da Sociedade Verbo Divino estão comemorando os 25 anos de presença em Cuba. A iniciativa coube a um missionário brasileiro, Pe. Edênio Vale (SVD) que ouviu os apelos dos bispos cubanos e tratou de enviar a primeira missão, ao sul de Cuba, na cidade de Sagua de Tánamo. Entrevistamos o Pe. Ivonaldo Rosa, paraibano, da cidade de Belém, que trabalha em Sagua, mas atende a uma comunidade pobre de Moa, na praia do sul de Cuba. Pe. Ivonaldo não enviou fotos porque a internet praticamente não funciona, por limitações legais e técnicas.

“Estou em Cuba e como todos devem saber, é um país comunista, que passados mais de 50 anos, quase acabou com a fé dessa gente tão religiosa que são os cubanos. Vivo em uma cidade chamada Sagua de Tánamo, porém, trabalho em outro município numa comunidade que se chama Moa pertencente a Saguamas ainda não é paróquia.

O povo aqui é muito acolhedor... dentro de seus limites... porque aqui as vezes tenho que sair de um município a outro em busca de um creme dental ou coisa desse tipo. Resido quase no extremo da ilha cubana. A capital (La Habana) fica a mais de mil quilômetros de distância. Trabalho em um município que é quase paróquia. Como somos proibidos de construir igrejas, celebro missa em um rancho, no quintal de uma casa.

Ser Missionário em Cuba, para mim é um desafio... porém o mais importante é sentir a presença de Deus em tudo o que fazemos... Sempre apoiei minha fé no lema de minha ordenação: Servir



Procissão externa pelas ruas de Sagua

com Alegria. (Sl. 102,2). E com a certeza das orações de todo o povo de Deus, sigo adiante com minha missão.

Como a internet e a telefonia aqui são controladas, mato a saudade da família (principalmente) com muita dificuldade, através de um e-mail quando podemos ou às vezes, pelo menos uma vez por mês, dou um alô. Aqui tenho encontrado muitos patrícos... são os franciscanos da Província do Maranhão, e algumas irmãs que não recordo suas congregações.

Sou Paraibano, nasci em uma cidade chamada Belém. Meus pais são falecidos e os irmãos vivem, quase todos, no Rio de Janeiro... apenas um irmão continua na Paraíba. Não posso te mandar fotos ou algo assim porque aqui para baixar uma foto normal, passo mais de três horas esperando e às vezes, tranca. (as fotos ilustradas são da Internet)

Um abraço a todos, Pe. Ivonaldo”.



Procissão da Virgem pela praia

## Nipepe em Moçambique onde falta quase tudo

A comunidade das irmãs franciscanas bernardinhas está sediada em Moçambique, na cidade de Nipepe, Província de Niassa - Diocese de Lichinga. É constituída de 35 mil habitantes, sendo a maioria um povo pobre, analfabeto, agricultor, e falando a língua materna mácuá. Poucos falam o português. A vida desse povo é de uma pobreza em todos os níveis e aspectos. A Paróquia, formada por 53 comunidades, dista da sede da diocese de Lichinga aproximadamente 600 km. “As estradas são péssimas, não temos transportes, nem energia na cidade, não há água encanada, somente poços com bomba. Temos muita dificuldade de abastecimento de água”. Esta é a mensagem inicial das religiosas Ir. Helena Marinho de Mello, cearense, e das gaúchas Ir. Lenódia Melz e Zenóbia Melz.

O dia a dia da missão em Nipepe começa com uma celebração religiosa junto à igreja. Revelam as irmãs: “trabalhamos na Paróquia em parceria com dois sacerdotes diocesanos, sem remuneração. Atendemos no Centro Nutricional e medicina alternativa. Acompanhamos as pastorais e movimentos que existem na paróquia. No nosso dia a dia nos confrontamos com uma miséria humana, que não favorece os valores da vida. É um povo ainda muito sofrido; a educação é péssima, o atendimento na área da saúde é zero. Crianças e jovens não sabem ler nem escrever, não tem expectativa de uma vida diferente. Há uma generalizada baixa estima, principalmente, entre as mulheres e uma grande exploração sexual”.

### Alegrias e dificuldades

Vivendo em uma missão pobre, as irmãs tiveram que, primeiramente, entender este povo sofrido e arraigado numa cultura para os missionários difícil de entender. É muito recente a libertação da colonização e opressão da guerra; um povo com muito sentimento, mas está aumentando o espírito comunitário. Apesar de tudo isso é um



Ir. Helena junto ao povo

povo que celebra, canta, dança e expressa uma alegria abafada. Mas mesmo assim temos muitas alegrias: a nossa convivência fraterna, as celebrações da eucaristia, o trabalho feito em conjunto como equipe missionária. Mas sempre temos as cruzes para podermos crescer por isso a nossa grande dificuldade é saber a língua macua, pois eles falam sempre macua, poucos são os que entendem algumas palavras em português. Além disso, outras dificuldades como os meios de comunicação, os transportes, a falta de energia, estradas com difícil acesso e sem conservação, não há comércio na cidade. Mesmo que tenhamos o dinheiro, não podemos comprar alimentos porque não tem, muitas pessoas morrem porque faltam condições de atendimento; a malária continua matando muita gente porque no hospital não tem medicamentos. Mesmo em meio a essas dificuldades estamos felizes e acreditamos que Deus é que nos conduz.

O testemunho das irmãs é profundo. Lendo os evangelhos, entendem o verdadeiro sentido de ser batizado: “Acreditamos que desde o nosso batismo somos chamadas a sermos missionárias, e como batizadas somos enviadas aonde o Senhor nos chamou. Por isso, ser missionária é doar a nossa vida por uma causa e essa causa é o serviço do reino de Deus e nos apoiamos na oração, na eucaristia, na fraternidade, no testemunho do povo, no acolhimento. Mesmo sem compreender a língua há comunicação. Há a alegria do anúncio, a Boa Nova.

### Saudades de casa

Sentimos saudades, principalmente, quando nos deparamos com línguas diferentes e quando nos deparamos com a falta de coisas que achamos que poderiam facilitar nossa vida e aqui nem se sonha em tê-las. As vezes faltam coisas simples mas que seriam úteis para nós para nos ajudar na missão como xérox, material de áudio visual, mas acreditamos no que Jesus Cristo nos diz no evangelho de Mc 10,28, “quem deixou tudo por causa de seu reino vai receber cem vezes mais”.



Pe. Marcelino, recém ordenado, Ir Lenódia, Ir Helena, Ir Zenóbia e o Pe. Mabureque. Os dois padres são diocesanos.



## Congresso Missionário no Equador reuniu 900 delegados

"América Missionária, partilha sua fé", este foi o tema do 8º Congresso Missionário Nacional (COMINA) realizado em Latacunga, de 4 a 7 de julho e que congregou cerca de 900 delegados(as) das jurisdições eclesiais do litoral, interior, região amazônica e de todo o Equador. As informações são do missionário da Consolata, o cario-ca Júlio César Caldeira.

Os Congressos Missionários marcam o caminho eclesial e missionário da Igreja na América. Promovidos pelas Obras Missionárias Pontifícias, com a participação ativa das Igrejas particulares, desde sempre exprimiram e celebraram a vida e as iniciativas missionárias das Igrejas na América, representando uma importante ocasião para tomar mais consciência da exigência evangélica da Missão "até aos confins da terra".



O Missionário Pe. Júlio César



O evento refletiu sobre o lema: "Discípulos Missionários de Jesus Cristo na América, em um mundo secularizado e pluricultural", e foi realizado em preparação ao CAM 4 - Comla 9 (programado para os dias 26 novembro a 01 de dezembro de 2013, em Maracaibo, na Venezuela), que tem como objetivo geral acrescentar e impulsionar nas igrejas particulares da América, o compromisso missionário para responder aos desafios da missão Ad Gentes, num mundo secularizado e pluricultural. Com esta temática, a reflexão passou por "discipulado e conversão", "secularização", "pluriculturalidade" e "missão Ad Gentes", tendo como fundamento o Ano da Fé e a Nova Evangelização.

A dinâmica foi pautada em cinco temas gerais e suas repercussões, 22 fóruns temáticos, testemunhos missionários, celebrações e partilha entre os presentes. Como atitude principal, devemos pensar em um "Equador Missionário que partilha sua fé".

## Bispos reunidos em Guiné Bissau

Os Bispos da Guiné-Bissau, Dom José Câmnate Na Bissign, Dom Pedro Carlos Zilli e Dom José Lampra Cá aprofundaram a reflexão sobre o caminho da Igreja da Guiné-Bissau no seu serviço ao povo deste País, como também atenderam as orientações da Nunciatura Apostólica e da Conferencia Episcopal, da qual fazem parte.

A reunião foi nos dias 21 e 22 de Maio. As perguntas "como evangelizar hoje a Guiné-Bissau?" e "quais são os desafios no nosso caminho de evangelização?", motivaram a reflexão dos Bispos. Manifestaram o agradecimento a Deus pelo aumento de batizados, de comunidades cristãs que crescem continuamente, dos jovens e adultos que se casam pela Igreja, do aumento dos sacerdotes locais, dos consagrados, das consagradas. Sublinharam que as igrejas são cada vez mais insuficientes para conter tão grande número de participantes nas celebrações. Ao mesmo tempo, mostraram-se preocupados pela urgente necessidade do

aprofundamento da fé em Jesus

Dom Pedro Zilli estará no Brasil a fim de manter contatos com a CNBB, para o envio de novos missionários para o Guiné Bissau .



D. Pedro Zilli (com notebook) presidindo a reunião

## Religiosa relata seus 41 anos como missionária em terras moçambicanas

A missionária da Congregação das Irmãs Missionárias da Consolata, Ir. Josenilde Pietrobon, 73 anos, gaúcha de Paulo Bento, retrata o serviço de evangelização que realiza há 41 anos, em Moçambique, na África. Ela conta como nasceu seu desejo de ser missionária, fala dos desafios que viveu em Moçambique nos períodos de guerra, sobre seu amor e compromisso com o povo africano e revela o segredo de sua realização por essa entrega de vida. Eis o resumo de sua entrevista à Canção Nova.

### Como nasceu seu desejo de ser missionária?

Ir. Josenilde: Sempre desejei ser religiosa, mas eu estava em comunicação com as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Depois chegaram as irmãs da Consolata em Paulo Bento (RS), perto da minha casa e me disseram: "você quer ser missionária? Eu fui estudar um ano com as irmãs, e depois minha mãe disse para eu ficar um ano em casa, para pensar sobre a vocação. Mas as irmãs sugeriram não interromper os estudos. Minha mãe respondeu que eu não tinha condições para estudar no colégio, mas elas disseram que me dariam tudo o que era necessário. Minha mãe aceitou. Eu tinha 13 anos quando fui com as irmãs e estou até hoje. Fiz os votos com 21 anos. Vai fazer 60 anos que eu deixei minha família e estou feliz do passo que eu dei e continuo dando hoje na vida religiosa missionária.

### A senhora sempre quis ir para a África?

Ir. Josenilde: O espírito da congregação, pela qual o fundador José Allamano nos fundou, era para a missão da África. Quando entramos na congregação, a "ladainha" que nos é cantada é essa: "vocês estão se formando para serem missionárias, e missionárias ad gentes, quer dizer, fora do vosso país". Claro que se a congregação pede para ficar no país a gente também fica, porque também é um trabalho necessário. Mas essa disposição deve estar em nós, tanto que quando eu ia de férias, em casa, meu pai dizia: "Você sempre diz que vai para a África e nunca vai. Eu já estou com os meus pés na cova e você ainda está aqui", e eu dizia, que outras irmãs estavam indo, tinham prioridade porque haviam chegado antes do que nós. Mas ele rebatia: "Veja bem lá, se não é porque você não se comporta bem que elas não te mandam". Imagina eu ouvir isso do meu pai (risos). Eu ficava um bocadinho atrapalhada, porque se meu pai chegava a pensar isso e as superiores não diziam



nada, a gente só aguardava o tempo. E o tempo chegou. Quando meu pai estava muito mal, já bem doente, tanto que ele morreu dois meses depois que eu saí. Minha mãe não queria que eu contasse para ele mas eu esperei o momento oportuno em que me encontrei sozinha com ele no quarto e lhe disse: "pai, você tanto desejou que sua filha partisse para as missões, né?". "É sim", ele disse, "eu vou morrer e você está ainda aqui". E eu disse: "não, pai, agora eu vim dizer para o senhor que eu vou partir". Ele me olhou muito sério, como se dissesse, agora que eu podia precisar da sua ajuda você vai embora... Aí ele me perguntou: "você parte contente?", eu falei: "sim, pai, eu parto muito contente". Ele abriu um sorriso bonito e me disse: "eu também estou muito contente que tu realizas a tua vocação". Pronto, aquilo para mim foi um "rojão" e eu parti tranquila. Eu e ele sabíamos que aqui na terra não iríamos nos encontrar mais.

### Qual a realidade dos missionários em Moçambique?

Ir. Josenilde: Eu fui para Moçambique em 1972 e o país ainda era Colônia Portuguesa. Logo após, teve início a guerra para a independência. Foram 10 anos sofridos até chegar a independência. Depois, começou a guerra civil, que durou 17 anos, porque o partido dominante queria o comunismo e implantou o comunismo ali e outro grupo não aceitou. Foram anos muito sofridos. A Igreja sofreu. Muitos missionários abandonaram o país. Então os próprios superiores tiravam o pessoal dali e os enviavam para outros lugares. Nossa madre geral sugeriu partir para outro país ao menos momentaneamente. Mas não teve uma irmã que aceitou. Apesar de todo sofrimento que estávamos passando, de todos os limites que foram ao extremo, desde a alimentação até moradia, nenhuma irmã desistiu. Até o povo



nos perguntava porque não íamos embora. E nós dizíamos: "se nós vivemos os momentos felizes com vocês, porque vamos abandoná-los agora que é o momento de maior sofrimento para vocês e para nós? Nós queremos ficar com vocês!" E foi isso que deu grande confiança ao povo, que dizia: "se estas nos amam verdadeiramente, que poderiam ter uma vida melhor na sua terra, mas querem ficar aqui, é porque verdadeiramente é uma missão de Deus"

### Qual o trabalho que a senhora realiza em Moçambique?

Ir. Josenilde: Eu sempre fui enfermeira e trabalhei no setor da saúde, mas me dediquei também à Pastoral, à Catequese e a outras artes e ofícios próprios da mulher moçambicana, para ensiná-las a lavar, a costurar, bordar e outros trabalhos manuais. E enquanto estamos fazendo esses trabalhos manuais sempre vem a Palavra de Deus. Fazemos também encontros, núcleos com as famílias, os jovens e as crianças, a Catequese.

### O que a motivou a permanecer 41 anos em Moçambique?

Ir. Josenilde: Porque sinto que essa é a minha vocação, é a essa vocação a qual Cristo me chamou, a Ele me consagrei, e consagrando-me a Ele, me consagrei ao povo que ele colocou nas minhas mãos.

Claro que se os superiores me pedirem para voltar para o Brasil, eu volto, porque tenho voto de obediência, mas não por livre e espontânea vontade, porque a minha missão é para a vida. Não é uma missão por um ano, cinco anos, dez anos, mas é por toda a vida. Se eu devo permanecer ali e ali morrer, eu estou realizando ali a minha vocação religiosa missionária.

### O que mais a atrai nesse trabalho missionário?

Ir. Josenilde: É difícil no começo você entrar na cultura deles, porque é uma cultura completamente diferente. Mas é como nos diziam já as nossas superiores: "quando vocês vão para a missão, ao menos durante um ano, apenas escutem, vejam, perguntem, mas não digam nada. Não se posicionem, não queiram mostrar as vossas ideias, mas procurem descobrir aquilo que esse povo necessita.

Isso para dizer, é preciso descobrir aquilo que eles desejam e precisam, depois disso é que você vai, aos poucos, descobrindo, falando com eles, e eles vão sentindo essa necessidade de se abrirem a Deus. Eles começam a entender que Deus sempre existiu em sua cultura. Portanto, a maneira que vocês estão falando, nós agora estamos compreendendo que temos que conhecer mais, descobrir mais desse

Deus. Ele nos ama tanto que mandou seus missionários aqui para nos ajudar na caminhada. Portanto meu incentivo, é de ficar ali e me doar até o fim, até meu último respiro se for necessário, para estar com esse povo que Deus colocou ao meu lado e que eu posso trabalhar com eles. A gente vem de férias, mas já fica pensando neles lá, porque vamos ficar tanto tempo longe. Mas também precisamos para uma revisão nossa, espiritual, também de saúde, para rever nossos queridos, porque pode ser a última vez, nunca se sabe. Então a gente vem com essa disponibilidade, de valorizar ao máximo esse tempo que o Senhor nos dá e que os superiores também nos proporcionam para isso.

### Qual o segredo dessa realização?

Ir. Josenilde: Dar tempo a Deus, na oração, dar tempo a nossa própria formação, dar tempo aos irmãos, em tudo aquilo que eles precisam. Mas tudo deve ser cimentado na vida de oração. Não é pelo muito fazer que temos que deixar a vida de oração de lado. Nós temos que ser generosos e disponíveis em tudo, mas mais generosos conosco mesmo procurando junto de Deus aquilo que nós queremos ser junto do povo. Não é tanto falar, falar e falar, mas falar desse povo ao próprio

Deus, a Jesus Cristo, aos pés do Sacrário, nas nossas horas de oração e de reflexão. Nós precisamos cultivar a nós mesmos, nesse sentido, porque senão nós não temos nada para dar aos outros depois.

### Qual a principal dificuldade dos missionários?

Ir. Josenilde: A dificuldade maior é que muitos missionários vão para lá, querendo levar a cultura daqui, e não é assim. Não podemos levar nossa cultura e introduzi-la na cabeça deles. Nós temos que ser abertos a cultura deles. E depois, aos poucos, elevar a cultura deles. Aos poucos, cristianizar a cultura deles, o seu modo de ser e de fazer.

Os rapazes são mais livres e, de fato, os seminários estão cheios. Mas as meninas já são comprometidas desde pequenas, então precisa fazer uma caminhada muito grande para com essas jovens. Eu digo: "irmãs, vamos devagar, vamos conhecer as famílias, os seus costumes, mostrar o valor da vida consagrada, que não existe só a vida matrimonial, mas também outros caminhos para seguir a Jesus Cristo, melhorar a sociedade, melhorar as próprias famílias". Dando possibilidade a esse juventude de estudar, porque com os estudos eles adquirem maiores conhecimentos, então é mais fácil depois escolher uma opção de vida. ( Karol Keven)

**“Esta é a vocação a qual Cristo me chamou. A Ele me consagrei e consagrando-me a Ele, me consagrei ao povo que Ele colocou em minhas mãos”**

## Missionárias scalabrinianas ajudam haitianos no Acre



Haitianos em busca de emprego

**Nos últimos três anos, já entraram no Brasil, pelo Acre, cerca de 10 mil haitianos, vindos através do Equador e da Bolívia. Para recebê-los dignamente, em Brasiléia AC, realizou-se nos dias 10 a 13 de junho de 2013, a Missão Popular e presença solidária junto aos migrantes haitianos, República Dominicana, e do Senegal. Participaram destes dias de missão, as Irmãs Scalabrinianas: Orila Maria Travessini, de Porto Velho/RO, Carolina de França de Ji-Paraná/RO e Ana Maria Delazeri de Caldas Novas/GO.**

A questão linguística influencia na acolhida desses imigrantes pela comunidade local, nenhum deles falam português, comunicam-se muito bem em espanhol, francês, crioulo (dialeto) e inglês. Nós falávamos com eles todo o tempo em espanhol. A cidade de Brasiléia/AC está localizada há 237 km ao sul do Rio Branco/AC na fronteira com a Bolívia (Cobija) Departamento de Pando. Tem limites com Epitaciolândia, Assis Brasil, Sena Madureira e Xapuri. Possui uma população de aproximadamente 21 mil habitantes, Vive do extrativismo da castanha e da borracha. Brasiléia é uma cidade centenária e tradicional, sem condições de absorver a mão de obra disponível. É cidade fronteira, permitindo a entrada de imigrantes. Desde o ano de 2010, já passaram cerca de oito mil haitianos. À medida que eles chegam, são encaminhados para adquirir a documentação. Quando estão prontos, seguem para outras cidades do Brasil, em busca de trabalho. Sem recursos financeiros, muitos se encontram doentes pelo cansaço, calor e dificuldades da viagem.

Após a intervenção do Governo Federal em Brasiléia, percebe-se que há uma maior agilidade no atendimento e prestação dos serviços de documentação (protocolo de registro de perma-

nência, CPF e CTPS). Num curto prazo, entre quatro a cinco dias os imigrantes haitianos normalmente iniciam o processo e já recebem a documentação necessária para a permanência no país, para residir e trabalhar. Nem sempre conseguem seguir seus objetivos por falta de oportunidade. Nos últimos grupos que estão chegando, constata-se um aumento de jovens, mulheres e crianças, por vezes desacompanhadas dos pais. Essas pessoas carregam consigo o sonho e a esperança de uma vida mais digna, a certeza da graça de Deus que os acompanha e orienta na caminhada. Esses imigrantes também frequentam diferentes denominações religiosas existentes na cidade.

### Missão Popular

A Missão Popular realizada pelas Irmãs Scalabrinianas, teve por finalidade: conhecer a realidade local e escutar a realidade dos imigrantes haitianos em situação de vulnerabilidade em Brasiléia/AC, a fim de prestar-lhe apoio humanitário; realizar dinâmicas de acolhida e integração entre eles e com a comunidade de acolhida; informar a respeito dos direitos e deveres em relação às Leis Trabalhistas; introduzir aulas básicas sobre a língua portuguesa; organizar encontros específicos com as mulheres para tratar de assuntos pertinentes à vida feminina; celebração da Vida e da Palavra. Esse grupo de irmãs fez contato com o padre da cidade, a fim de propor-lhe a continuidade da missão, com a presença mais constante da Igreja que os acolha, alimente a esperança e os oriente na vivência da fé, através de lideranças leigas. É importante e necessário que a comunidade local, assuma a pastoral da escuta e reflexão da Palavra de Deus com os migrantes, mesmo nesse ritmo de mudança constante das pessoas, pois a cada dia, continuam chegando em busca de terra, pão e trabalho. (Carolina França)



As irmãs scalabrinianas